



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

13 DE MARÇO DE 1965  
ANO XXII — N.º 548 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORVO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Aniversário



«O Gaiato» fez 21 anos, dia 5 passado.

A «Obra da Rua», que lhe deu o ser — e à qual ele retribuiu, dando-lhe asas — era jovem de 4 anos. Contava então a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, o Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios e Paço de Sousa, que tentava os seus primeiros passos. Pouco ia além da centena a já grande Família.

«O Gaiato» não teria nascido se a «Obra da Rua» o não gerara. Tampouco as mesmas letras e palavras e frases, que nele foram escritas no rodar dos anos teriam a veemência com que as recebeu a inteligência de milhares de homens «pacíficos do coração», se fôsem um produto teórico e não a mensagem de uma vida.



Pai Américo e um dos seus filhos — dois sorrisos num abraço

A Obra, por seu lado, não teria atraído a multidão dos ansiosos da Verdade que lhe permitiu crescer ao ponto que Deus quis, sem a transparência que o jornal sempre lhe foi. Até nós, os seus pais, viemos na esteira de Pai Américo, porque «O Gaiato», se não foi mesmo o que nos deu a conhecer a existência da Obra, nos revelou um caminho sacerdotal e alimentou a paixão que o nosso ideal de jovens procurava para nos fixar!

«O Gaiato» é, pois, o fruto mais amadurecido da «Obra da Rua» e, Deus sabe se não o que mais frutos tem dado na sua missão de transparecer aos ansiosos da Verdade (ainda multidão no nosso pobre mundo — bendito seja Deus!) esta pulsação da Verdade que a Obra é.

Ao contemplarmos esta realidade, nós todos, os que fazemos o jornal, sentimos profundamente a nossa pequenez e como só Deus é a Causa justificativa da sua permanente novidade, da sua invicta fidelidade ao rumo que desde o n.º 1 Pai Américo lhe imprimiu. Nem conveniências de momento, nem interesses particulares fôsse de quem fôsse, nem falsos

raciocínios em que os homens são pródigos, até os inteligentes e bons — nada, por graça de Deus, maculou a independência de «O Gaiato» e o afastou do rumo inicial: Revelar aos homens que Deus é bom, que é Pai — amando os Pobres, e os Abandonados, todos os que sofrem; e atribuindo, com a singeleza da Verdade, a fonte deste amor, a Ele, o que é Amor e vive nos corações de todos os que verdadeiramente amam. E revelar ainda que esta vida de Deus em nós, a transbordar de nós, se realiza na Igreja de Cristo, onde O encontramos, onde O conhecemos, onde O recebemos e onde fomos recebidos quando Ele Se dignou olhar a baixaza dos Seus servos e quis servir-Se dela para continuar «passando por entre os homens a fazer o bem».

É isto «O Gaiato». É isto que pretende fazer: Semear a Justiça para colher a Paz. E para semear é necessário cavar fundo, ir às entranhas da terra. «O Gaiato» tem cavado fundo nos corações que se lhes oferecem. E é ver os frutos produzidos nos ansiosos da Verdade! Como na parábola, não é preciso arrancar o joio. No tempo da colheita, os humildes, os pacíficos distinguem-se dos soberbos, dos ambiciosos. A co-

Continua na SEGUNDA página

### HOMILIA DO CASAMENTO

## do Serafim e Maria José

«Deus teve compaixão dos dois filhos sós».  
(Cântico de Entrada)

«Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e unirá-se à sua mulher».  
(Evangelho)

Ninguém é chamado à solidão.

A edificação do homem é um afeiçoar em cada da imagem divina segundo a qual fomos criados. E Deus não é sózinho! A unidade substancial nada sofre com o ser Deus Trindade de Pessoas. Deus não é sózinho.

O homem também não: não nasceu para o ser. A solidão, porque anti-divina, porque anti-humana, porque anti-racional, é imagem do inferno que é dada ao homem experimentar na Terra.

Deus é o Amor. O homem que se realiza tende para o Amor. Tende para Deus — que é o termo de todo o caminhar humano. E alguns, nesta tendência universal de que nenhum homem está excluído, são chamados por um caminho de aparente e apenas material solidão, ao longo do qual Deus é a sua companhia, a sua suficiente companhia. Os outros, a maioria, mesmo entre as vocações mais excelsas, não podem seguir sós,

sem ter para quem expandir o amor crescente que vão sendo no aproximarem-se de Deus.

A vocação matrimonial é assim porque é um caminho humano convergente para Deus. Dois — é mais do que um. Dois podem o que um só talvez não. Por isso, «no princípio, Deus criou o ser humano, homem e mulher». E assim, na identidade específica da natureza, o ser humano tem o título para o amor, e na dualidade inicial de pessoas o fundamento da sua repugnância à solidão.

— x —

Foi pois criado o homem, «no princípio», em sociedade — a sociedade do marido e da mulher, que se multiplica nos filhos. E que esse modo de ser responde à ansiedade de cada um revela-nos a alegria dos dois em contraste com a tristeza de um só sem «o apoio semelhante a si» que é o outro.

Continua na SEXTA página

# FESTAS

O Director Artístico apresentou-me ontem o programa. Eu esperava um convite para uma passagem dos números que vão ser, mas não senhor: foi só o programa, um pouco menos do que seco. E digo assim, porque ao anunciar de cada número, João trauteava a música para me elucidar.

De sorte que estou a ver que um ano mais vou para o espectáculo, como espectador... Que bom! Não guardo nenhuma saudade do tempo em que, entre tantas coisas, também tinha de ser ensaiador! Pobre de mim e pobres dos actores que haviam de me aturar!

E ninguém tem motivo para as ter, pois desde então sempre as Festas têm melhorado. Por isso lhes quero tanto e sou resignado e paciente os sarilhos que as Festas causam na nossa vida de trabalho, — porque, afinal, elas são também trabalho... e importante! Importante, não só — nem tanto! — pelo resultado material, mas pelo apertar de laços de amizade entre o Povo e nós, a qual, ano após ano, se vai acalorando sempre mais.

Ora as Festas, como outras iniciativas muito válidas, que nas nossas Casas alguns rapazes vão tomando, são espe-

lho de uma Obra que é «deles, para eles» e deve ser realizada por eles. Este o segredo do êxito das nossas Festas. Esta a resposta à admiração de pessoas exigentes em matéria de espectáculo que, após o nosso, vêm desabafar, satisfeitas, a sua surpresa por uma exibição que esperavam de teor colegial e lhes saiu com uma personalidade própria, de real interesse. Até os nossos batatinhas, — sobretudo os nossos batatinhas! — que se transcendem, sem nada perderem do encanto

Continua na OITAVA página

# Areias do

# Cavaco

# Aqui Lisboa

Foi belo o nosso Natal! Os mais pequeninos juntaram-se aos grandes. Os mais afortunados, de mãos dadas com os pobres, de longe e de perto, todos quiseram estar presentes junto de nós. Esta presença sentimo-la apaixonada, desde a primeira hora em que nossos pés pisaram terra de Angola, e fizeram nossa morada neste litoral entre Benguela e Lobito. Mas nunca como neste momento.

O interesse por uma Obra que, desde o berço quis ser de todos, que está permanentemente ao serviço da Comunidade de que todos somos membros, é meio de que Deus Se serve para aumentar a nossa Fé e confiança nEle e, ao mesmo tempo, dá-nos ânimo para ir fazendo cada vez mais e melhor.

## Aniversário

Cont. da PRIMEIRA página

lheita é com Deus. «O Gaiato» é só semeador.

Por isso, tirando os «vendilhões do templo» e os «fariseus hipócritas, sepulcros caiados», nunca «O Gaiato» se ocupou em zurzir mais ninguém. Ele tem outra missão: É semeador na seara de Deus. Os pecadores são a sua parte. São-no para a redenção dos pecados, para a glória de Deus e pelo amor que Ele lhes tem e nos dá ter.

Por isso «O Gaiato» cava fundo no peito dos homens de boa vontade; fere-os no mais íntimo; purifica-os das nascenças parasitas. E «quem tem ouvidos de ouvir» — entende; e «olhos de ver» — estima as curas que aquele ferir produz. Obrigado, Senhor, porque, ainda assim, são multidão os que entendem e estimam.

E fecunda a nossa insignificância pelo tempo em fora, para que os homens de bem Te reconheçam entre o Teu Povo escolhido a Tua Igreja. Amen.

Pelas mãos de duas amigas muito dedicadas da Obra, que não se pouparam a esforços que viram abundantemente compensados, vieram até nós, do Lobito:

C. F. B., com 2.500\$00, mais 500\$00 do seu Director. A A. M. I., a Hidro Eléctrica do Alto da Catumbela, a Purfina, Hudson, com outros 500\$00 cada uma. A Companhia dos Cimentos, com 30 sacos do dito, mais o Banco de Angola com 1.000\$00. A Casa Americana veio com metade; Livraria Magalhães, Auto-Importadora, Lusolanda fizeram-se acompanhar de 2 de 100\$00 cada. Angazes e União de Automóveis, com menos 50\$00. Gerente da Guérin, Robialac, Gerente Motores de Angola, Casa Inglesa, Coelho e Martins, Pedra d'Água, Padre Alberto, Mendes e Irmão, Suissangola, José Nogueira, Miguel Neves, Lopes, Albano Abreu, Valério Lopes, Solana, Anónimo, mais Anónimo, mais Anónimo, Traga, Singer, Triângulo, com 100\$00 cada. Segue lista com 21 notas de 50\$00, também do Lobito. Quatro anónimos, com 10\$00; dois com 5\$00 e um com 15\$00. Mais 3 anónimos, com 100\$00 cada. Mais uma lista de 20\$00, 30\$00, 40\$00 e 10\$00. Além de lembranças em dinheiro, chegaram roupas, calçado, e vários utensílios. Continuaremos a passar com regularidade pelas casas do costume pelo azeite e óleo de gergelim, pelo sabão e pela massa. Vieram 300\$ das mãos generosas de uma criança feliz e mais 10\$00 de outra. As amiguinhas dos nossos pequeninos, Maria de Fátima e Gabriela Pinto, do Lobito, também não podiam faltar. À Drograria Coelho fomos buscar lembranças que lá deixaram. Da Catumbela, 100\$00 e mais 100\$00. Guedes e Almeida, com 500\$00; a Sheila com 300\$. Mais 100\$00 em nossa Casa, e 50\$00 nas mãos de um vendedor de «O Gaiato». «Em nome de Manuel, gloriosamente caído em Angola», uma lembrança anónima. Mais

500\$00 dados com muita discreção, em lugar escondido aos olhos dos homens. Deus viu; e mais 100\$00 em carta. Mãe aflita com a sorte de seus dois filhos, desobriga-se, lembrando os filhos abandonados. Mais 500\$00, em silêncio; 1.020\$00, em migalhas e 50\$ da mesma forma. Lembrança muito amiga de alguns empregados da «Lupral» de Benguela. Mais 100\$00 da M. Alice, pedindo «Saudinha e trabalho para o marido». A. C. V., veio até nós com camisas, esferográficas, rebuçados e outras guloseimas. Mais 500\$00 e este deabafo: «é do pouco que ainda consegui desta penosa peregrinação pela terra». Mais 200\$00, do Lobito, de esposa aflita pela falta de trabalho do marido. Lembranças do Cubal; da Epal e das muitas casas Amigas da nossa querida Benguela. Bem hajam!

Padre Manuel António

Mão amiga, no Lar, deposita nas nossas mãos pecadoras trinta notas de conto e diz para apontarmos no «Famoso» a nossa grande necessidade de uma casa em Lisboa para os nossos estudantes e Rapazes que trabalham. Fazemos-lhe aqui a vontade. «Pode ser que alguma dessas grandes organizações — e acrescentava nomes — queira tomar parte»...

Realmente, a casa onde habitamos não oferece as condições indispensáveis e os três contos que largamos por mês poderiam muito bem ser aplicados no pagamento do nosso próprio Lar. Quem vem em auxílio de tão meritória finalidade? Tanto dinheiro gasto, e mal, em tanta coisa supérflua e até afrontosa nestes dias carnavalescos, poderia ter muito melhor aplicação: dar um abrigo decente «aos filhos de ninguém», por quem as Casas do Gaiato são.

— x —

A escola cresce. As paredes já se tocam de longe. Os materiais têm chegado, embora, na sua maior parte, estejam por liquidar. Reafirmamos aqui a nossa Fé. Deus quer e nós só pretendemos ser instrumentos dóceis dos Seus desígnios, para lá do que possamos gerar... Com Ele, de resto, o jugo é suave.

— x —

Fomos a Santarém e a Elvas. Damos graças a Deus pelo acolhimento que nos foi dispensado. Clero e Povo, pobres e ricos, todos nos querem bem. O amor

pode muito. Senhor, não somos dignos.

Brevemente iremos bater às portas dos Reverendos Párocos da Capital. Esperamos aceitação idêntica à do ano passado. Entretanto, já passámos pela Paróquia de São Cristovão e São Lourenço, onde pastoreia um antigo professor nosso da instrução primária. O carinho de que fomos rodeados só o Senhor o sabe pagar. E a emoção do encontro do Mestre e do discípulo, fez-me voltar 30 anos atrás. Como os caminhos de Deus são insondáveis!

Padre Luiz



As linhas que seguem dedicadas, em especial, aos estudantes católicos de Viseu. Sinto que lhas devo, e pelo seguinte.

Tendo sido convidada, na qualidade de ex-jêcista, a apresentar o meu testemunho, na assembleia geral da Juventude Escolar Católica, em 14 de Fevereiro p. p., eu prometi que sim.

Aconteceu, porém, que no dia marcado, eu estava a contas com um forte ataque de gripe. Para não faltar ao prometido, dupliquei a dose da droga que estava a tomar e, de facto, os sintomas da gripe desapareceram, mas, em troca, ficou um outro entorpecimento geral que não me deixou dizer tudo o que queria, nem como queria.

Note-se que nunca foi intenção minha falar directamente de Belém.

A ideia central, que saiu muito despida de roupagem, era que, enquanto estudantes, devemos procurar aproveitar ao máximo o acesso às fontes da cultura, da formação moral e religiosa que nos é proporcionada. Não estudar por estudar, para passar, para conseguir instalar-se na vida, mas estudar para saber, para ser amanhã um elemento útil na sociedade.

Só os cristãos conscientemente cumpridores dos seus deveres, na família, na escola, na vida profissional, na sociedade, podem ser realmente apóstolos do Bem e da Verdade.

Depois, quem mais recebe mais tem que repartir pelos

irmãos menos favorecidos. Os valores intelectuais e morais não são só para cada um usar em proveito próprio mas para o cristão servir a Cristo na pessoa dos seus irmãos.

Quando nos sentimos chamados à doação em proveito do próximo e damos conta de que temos para dar muito menos do que poderíamos ter, porque deixámos passar levemente o tempo especialmente destinado ao nosso enriquecimento intelectual, à nossa formação moral e religiosa, temos de sentir pesar por isso, e mesmo dor de consciência.

Aqui é que eu contava trazer à ribalta Belém, para provar com factos concretos os mais variados, como a vida e sobretudo a doação ao próximo necessitado nos podem levar a todo o género de ocupações. Como surgem, a pedir solução, os mais variados e dedicados problemas. Como, enfim, se enganam os estudantes e pais, que acham inúteis e desnecessárias, certas matérias, as quais só se tocam superficialmente, para contentar mestres e conseguir nota de passagem.

Mas, já que deixei escapar tão boa oportunidade de relatar actividades e descrever situações do meu dia a dia as quais, provando o que atrás fica dito, teriam ainda a virtude de fazer luz sobre o género da Obra que é Belém, também não será hoje que o faço, por falta de espaço e tempo.

Simplesmente quero responder,

e muito sucintamente, a uma interrogação que estou certa ficou na mente de tantos que me ouviram e não conhecem Belém.

Afinal, o que é Belém?

Belém nasceu com a aspiração bem concreta de ser uma solução para os problemas de ordem material ou moral de toda a mulher pobre e desamparada, de qualquer idade.

Era lógico que se começasse pelas crianças. Assim, a primeira casa, aberta nesta cidade há seis anos, destina-se a receber crianças sem família ou cuja família, por miséria moral e material, as tenha votado ao abandono.

A Obra, tal como as crianças que assiste, vive ainda os tenros anos de meninice. Por isso só pode ainda solucionar problemas de crianças e mesmo esses, sabe Deus com quantas dificuldades: umas de fora, por falta de conhecimento e compreensão da Obra, outras de dentro, por falta de quem se lhe dedique.

Só na medida em que Deus mandar elementos que a sirvam em doação total é que poderá desenvolver-se, até atingir o estado adulto e tornar-se árvore frondosa, à sombra da qual possa acolher-se qualquer mulher que sofra, sem ânimo e sem conforto.

Projectos de futuro? Muitos... Dificuldades presentes? Muitas...

Mas, se desejam saber mais, e melhor é virem, verem e ouvirem.

Inês — Belém — Viseu

## TEATRO AVENIDA

## COIMBRA

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

### 25 de Março

Às 21,30



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

# Colaboração

## SINTO OBRIGAÇÃO DE O LER

Peço desculpa de não ter enviado antes a importância respeitante à assinatura do jornal «O Gaiato», mas os muitos afazeres por vezes me obrigam a esquecer este dever.

Esse «Gaiato», quando ele chega, parece que sinto obrigação de o ler, aliás, como o faço com vontade de ponta a ponta. O vosso e nosso jornal, dá-nos a ideia de como é bom viver assim nesse ambiente de alegria e compreensão! Que lá do Céu o Pai Américo continue a abençoar a sua Obra.

## TAMBÉM SOU POBRE

Estimados irmãos em Cristo espero em Deus que me perdoeis estas tristes letras que tão mal sei escrever, mas que a intenção é boa mas melhor não me sei exprimir, espero ser perdoada.

Aqui vão 50\$00 para renovar a minha assinatura de «O Gaiato», e 100\$00 para o Natal dos nossos irmãos menos afortunados da sorte, pobre eu sou também mas Deus deu-me sorte para o poder ganhar, dando-me saúde, mas a tantos

## Mais um Casamento



O Angélico, do Tojal e sua mulher.

## O FAMOSO

dos nossos irmãos falta a saúde, para o poder ganhar, eu não queria deixar nesta quadra do ano de concorrer conforme as minhas posses, com uma migalhinha em agradecimento a Deus pelo bem que me tem feito.

## SE EU PUDESSE DARIA MAIS...

Só hoje-me é possível enviar a importância do costume, para actualizar a assinatura de «O Gaiato».

A assinatura é em nome do meu filho. Comecei era ele bem pequenino e agora já fez 20 anos. É ainda estudante dum curso superior e quando terminar será ele então a contribuir, pois agora ainda não pode. Se eu viver, começarei outra assinatura para o meu neto, que Deus Nosso Senhor me ofertou este ano. Muitas graças tenho de dar a Deus Nosso Senhor por tudo o que me tem feito.

Se eu pudesse daria mais, mas os meus filhos são ainda estudantes e tenho poucas possibilidades. Creiam na minha boa vontade e na grande admiração que tenho pela «Obra da Rua» que é a vida do Santo Padre Américo.

Desculpem a minha demora, mas esta importância representa muita renúncia e muito amor à vossa Obra.

## PURO DESCUIDO

«Mais vale tarde que nunca», diz o provérbio, mas desta vez o tarde foi tão tarde que, sinceramente, admiro a vossa valentia e a vossa boa vontade, por não terdes ainda suspenso o envio de «O Gaiato» para mim e minhas irmãs Edna e Dilar, visto serem decorridos uns poucos de anos (nem sei bem quantos) desde a nossa inserção como assinantes, salvo erro por ocasião duma visita do Snr. Padre Carlos a Angola, e não ter nunca sido pago um tostão... Creiam que foi puro descuido, ainda que um grande e um imperdoável descuido e tudo vai ser breve remediado. Para vos descansarem num primeiro aspecto devo informar-vos de que os números do jornal até hoje recebidos, embora raras vezes lidos pelos assinantes nominais, têm sido oferecidos aos confrades de uma Conferência Vicentina com maioria de africanos e decerto da sua leitura tem surgido proveito. Recordo-me que era o que o Snr. Padre Carlos pretendia principalmente — que o jornal não deixasse de ser lido.

## UM AGRADECIMENTO

Quero agradecer ao querido jornal, todo o bem que a sua leitura tem feito à minha alma; por me ter ensinado a amar o próximo; por me fazer reconhecer todas as iniquidades que existem no meu cora-

ção e feito nascer um desejo grande de me emendar. Que Deus Nosso Senhor vos

# dos Leitores

ajude tanto como vós me ajudastes a mim.

## DE MANEIRA NENHUMA GOSTARIA DE FICAR PRIVADA DESSE TÃO QUERIDO JORNAL

Sendo eu a assinante N.º 31230 venho dizer-vos que há uma pequena alteração a fazer na direcção da minha morada que de Rua Passos Manuel N.º 88, passou a ser: Rua Passos Manuel N.º 92. Embora seja perto os snrs. funcionários dos C. T. T. não fixam os nomes mas guiam-se apenas pelas moradas e para que não haja desvios será melhor acertar, pois de maneira nenhuma gostaria de ficar privada dum número só que fosse desse tão querido jornal. Junto envio 20\$00 para aplicarem conforme entenderem melhor, pois suponho ter a minha assinatura em dia.

É muito pouco, é mesmo nada comparado com a vossa necessidade e o meu desejo de dar,

mas que Nosso Senhor abençoe esta minúscula migalha e a faça render cem por um, materialmente para vós, e espiritualmente para mim tornando mais possível as minhas possibilidades e mais generosa e minha vontade.

Sem mais, desejo de todo o coração as melhores bênçãos do Céu para essa grande Obra onde se nota facilmente a presença do Senhor.

Uma oração vos pede, para o seu lar e os seus filhos, a irmã em Jesus.

## NÃO QUERO SER CONDENADO

Penso que todos os anos me lembro de enviar algum dinheiro mas caso não esteja em dia e esteja em débito material de qualquer destas assinaturas agradecia mo comunicassem mesmo num simples postal pois não quero ser condenado pelo mais fácil dos pecados — a omissão.

## É O ÚNICO...

«O Gaiato» é o único jornal que continuo a ler de um lado ao outro, pois tudo o que nele se escreve é útil e tem interesse.

## LEITORA ASSÍDUA E ENTUSIASMADA

Sou assinante e leitora assídua e entusiasmada do jornal «O Gaiato».

A minha atitude perante ele, não é no entanto a tradução do que afirmo.

sem cumprir esta minha obrigação.

Junto envio 50\$00, pedindo desculpa de ser tão pouco, mas de momento não me é muito fácil enviar mais.

Prometo no entanto começar a ser um pouco mais generosa e sobretudo, cuidadosa.

## PENHOR DE AGRADECIMENTO

Envio junto 1.000\$00 para que 200\$00 deles sejam para as Belenitas. O restante é penhor de agradecimento pelo envio do 2.º volume de «Pão dos Pobres» e de «O Gaiato» dos quais, a leitura me tem feito melhor que qualquer outra, salvo as Escrituras Sagradas.

Pede uma oraçãozinha particular pelos membros da sua família, que não crêem verdadeiramente e totalmente na nossa Santa Religião, a assinante, n.º 16102.

## LIDO DUMA PONTA À OUTRA

Como de costume cá estou a pagar a assinatura de «O Gaiato», o nosso Famoso, que é lido sempre duma ponta à outra, emprestado para outros se dedicarem e muitas vezes lido como leitura espiritual nas nossas reuniões da Conferência de S. Vicente de Paulo. Aproveito, como habitualmente, para pagar também a assinatura da minha Mãe e peço para comecem a man-

Já lá vão quase dois anos que o mesmo jornal me vem ter às mãos, sem ainda ter cumprido o meu dever: enviar a quantia que devia. Hoje, dia de Natal, não quis que ele chegasse ao termo, dá-lo para meu filho mais velho, que agora vive na Foz do Douro. Se, por ventura, ele no fim do ano não vos pagar a assinatura, digam-me pois tenho o maior gosto em o fazer eu.

## MONUMENTAL

DE LISBOA

29 de Abril  
Às 18,30

Bilhetes à venda: na Secretaria de Montepio Geral—Ourivesaria 13, R. da Palma, 13 — Lar do Gaiato, R. dos Navegantes 34, r/c — Telef. 669451



# Colaboração

Sempre que lançamos mão da correspondência dos leitores, para um número de aniversário, a nossa alma ferve d'alegria. E damos graças a Deus pelo Bem que Ele espalha por intermédio do Famoso.

São cartas fervorosas e espumantes de Vida. São hinos de acção de graças e desabaços, também. E todas elas marcadas pelo mesmo sinal, pela mesma descoberta — o Amor de Deus nos outros, nossos irmãos. Até aqueloutra, da martirizada Angola, que afirma alto e bom som: «Por estas terras andamos tão afastados da verdade cristã! Precisamos de quem nos acorde». E o Famoso, realmente, não se propõe fazer mais nada do que acordar a todos. Velhos e novos. Grandes e pequenos. Todos!

## O FAMOSO

### SEGUIMOS O VOSSO EXEMPLO

Sou assinante, há muitos anos, e cada vez gosto mais de ler o vosso querido Famoso.

Cá envio os 100\$00 anuais do costume. É pouco, mas aqui na terra há tanta necessidade que é impossível deixar os de cá, pelos de fora.

Presentemente andamos a construir uma Igreja que começámos há três anos, só a expensas de esmolas e trabalho dos filhos de Abruñosa.

Falta acará-la e falta dinheiro. Mas não esmorecemos, temos confiança em Deus e em nós.

Seguimos o vosso exemplo, não perdendo a coragem.

### O DELICADEZA

Tenho imensa pena de mais uma vez os vir maçar, para mudar a minha morada, questão de serviço assim me obrigou. Peço-vos pois que

passem a mandar o jornal para 4 Route de Malagnou. Com os meus agradecimentos e os melhores cumprimentos para os irmãos Gaiatos.

### APENAS VIVO DO MEU TRABALHO

*Irmãos, sou a dizer-lhes que tenho sempre recebido «O Gaiato» sem faltar nenhum e com o maior carinho e respeito como devo.*

*Lamento que na minha freguesia onde moro não conheçam essa grande Obra dos rapazes e para rapazes, como diz sempre o famoso jornal fundado pelo nosso saudoso Pai Américo. Eu faço o possível para conhecerem espalhando os jornais que recebo por vários lugares. Só vejo entusiasmo em os ler mas nada de se fazerem assinantes. Para mim, que pouco compreendo, mas pelo que leio nos jornais a vossa Obra é de Deus, por amor aos pobres, pelo amor de Deus e para Deus.*

*Peço a Deus que os proteja pela vida fora; nunca cansem de olhar pelos nossos irmãos Pobres, que eu apenas vivo do meu trabalho e meu marido com 2 filhos tropas um na Guiné e outro, há 22 meses de quartel em quartel, hoje pára em Leiria e o marido com 16 operações as últimas foram há um mês ao estômago e ao nariz e cabeça, da sinusite; mas, desta vez, ainda não cedo o meu jornalito. Envio a minha cotasinha para continuar com imensa pena não poder ser uma assinante em dar cotas dobradas. Mas, como vê, não posso. Deus assim o quer; que Deus os ajude pela vida fora.*

### FOI COMO UMA LUZ NOVA...

Hoje, estando por acaso no café e sentindo a vida um pouco mais desafogada resolvi comprar o vosso jornal e, confesso, senti-me bastante sensibilizado ao ler estas linhas escritas por rapazes.

Nunca comprava o jornal até aqui, mas hoje que o li e que foi como se uma luz nova entrasse dentro de mim, eu que sou descrente, ou que pelo menos era-o até à altura de ler o vosso jornal, penso que agora sempre que possa hei-de comprá-lo para sentir esta alegria imensa que estou sentindo neste momento.

Ainda não me identifiquei, nem talvez seja necessário, mas talvez, porque estou desejando dizer-lhes um sou, digo que sou um aluno da Escola Industrial e Comercial de Setúbal, ex-aluno do Liceu da mesma cidade, residente e natural de Setúbal, onde além de estudar, e em virtude de ser pobre, não como vós, mas pelo menos pobre de espírito, tra-

balho de dia, para poder concorrer para escriptorário de segunda. Hoje, que em virtude de trabalhar de tarde num serviço particular consegui arranjar algum dinheiro, pouco, mas enfim dinheiro que chega para passar dois dias de alegria, resolvi comprar o vosso jornal e depois de o ler como já vos disse fiquei sensibilizado, ficando até nervoso, pois confesso que estou fazendo uma força enorme para vos escrever e não consigo. Não vos envio algum donativo pois espero que me compreendais

pelos factos atrás expostos.

Apenas vos posso enviar as palavras de um rapaz de bem (17 anos) que diz, não só isso, pede para que continueis a vossa Obra para que mais alguém que se sinta só, e seja descrente como eu, se um dia ler o vosso jornal, se torne uma pessoa mais acompanhada e feliz.

Mais nada vos digo e despeço-me pedindo-vos desde já que continueis com a vossa Obra amigos Gaiatos para que se faça do mundo «Um mundo melhor».

### UM REGALO PARA O ESPÍRITO

Venho pedir-lhe o favor de mandar tomar nota de mais duas assinaturas do Gaiato.

Tenho-me descuidado um pouco à espera de poder recolher mais um ou outro assinante, mas ainda não foi possível. Por agora vêm apenas estes dois, na esperança de que outros surjam mais adiante.

Sou fervorosa admiradora da Obra do Gaiato tão tocante, tão simples e de padrões tão diferentes de todas as outras obras e organizações, que cativa os corações bem formados.

É um regalo para o espírito lê-lo, devorá-lo e verificar como ainda há neste mundo tanta alma boa, generosa, sensível de alma aberta ao bem e ao amor do próximo.

Sinto-me comovida, sensibilizada ao ver e ler as listas dos benfeitores de todas as classes, de todas as espécies e de todos os meios. Sensibilizo-me até às lágrimas! É um nunca acabar!

Mas atrás dessa fileira de benfeitores e corações dedicados, não esqueço os que tomaram sobre seus frágeis ombros humanos, uma cruz tão pesada, uma tão grande responsabilidade que por vezes será causa de muitas angústias e sofrimento!

Deus ampare os «Padres da Obra» e os multiplique para louvor de Deus e bem da sociedade em que vivemos.

Perdoe este desabaço sincero do meu coração amigo e dedicado.

### PRECISAMOS DE QUEM NOS ACORDE

Por estas terras de Angola, andamos tão afastados da verda-

Recebi já há um tempo «O Gaiato», e estava convencida que o meu marido tinha feito assinatura. Mas, ontem à noite, soube por acaso que ele nunca pagou a assinatura. Vai este cheque, que fará o favor de levantar.

Gosto imenso de ler o «Famoso». Lei-o sempre de ponta a ponta e sinto que a sua leitura me faz bem e me ajuda a ser menos egoísta.

### BENGUELA

Desfolhando o milho na eira que, depois de amassado com alegria, será o pão que havemos de comer.

## COLISEU

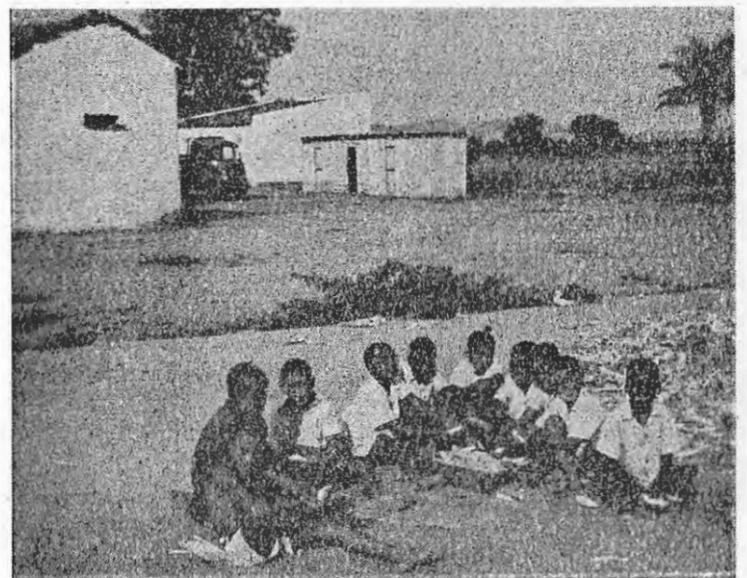
### 18 de Março

Às 21,30

DO

## PORTO

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.



**Gaiato**

OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

# dos LEITORES

de cristã! Precisamos de quem nos acorde.

Se precisar de alguma coisa de Luanda, que vós os recebereis em escudos, ainda se pode

Li, há tempos, que se podiam depositar angolanos (escudos angolanos) no Banco Comercial de Luanda, que vós os receberíeis em escudos, ainda se pode

fazer isso? Eu bem sei que se quisermos, podemos ajudar as Casas de Malanje e Benguela, mas também gostaria de mandar alguma coisinha para o Calvário, Barredo, etc. e há sempre imensa dificuldade em arranjar escudos. Peço desculpa, por só agora mandar o dinheiro da assinatura. Deus queira que o jornal nunca me falte.

Conservo ainda uma grata recordação do bom P.e António Baptista, do Calvário, que há dois anos passou 8 dias entre nós aqui em Turim, comunicando-nos o seu espírito de dedicação ao pobre, ao doente, ao que sofre. Foi daqui contente porque muito aprendeu na Pequena Casa da Divina Providência do Cottolengo, mas mais agradecidos e contentes ficámos nós pelo que ele nos deixou — o exemplo vale sempre mais do que qualquer outra coisa.

Não quero continuar para não «maçar», continuem, vo-lo peço a saciar-nos com o vosso pão quinzenal. Em compensação eu prometo uma recordação na minha Santa Missa, para que os frutos colhidos nestes 25 anos possam ser duplicados e triplicados nos anos que seguem.



Um ar gaiato em dia de festa!

## ESCRITO COM SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

Costumava comprar «O Gaiato» avulso, mas como acontece muitas vezes não ver os catraios e não querer perder a excelente literatura do mesmo, aqui me apresento como assinante.

O vosso jornal é escrito com sangue, suor e lágrimas — como deviam ser escritos todos os livros. O vosso jornal é o único jornal português digno.

## RARAMENTE O LEIO DE OLHOS ENXUTOS

Para pagamento da assinatura de «O Gaiato» envio a módica quantia de 50\$00 que vão inclusos.

Raramente o leio de olhos enxutos! Admiro profundamente todos os assuntos que aborda, a prosa e a sua elegância. É um jornal onde se escreve bem, talvez por o coração guiar as penas com que se escreve.

Tenho no meu escritório o

retrato do P.e Américo e assim não se passa um dia que não me lembre dele e da sua Obra. Considero-o um dos grandes homens do século português. O futuro o dirá porque a Obra ainda está no começo e as promessas de Deus têm por medida a eternidade.

A toda a Comunidade dos Padres da Rua e a todas as Casas do Gaiato desejo que o Senhor as abençoe abrindo-lhe as catadupas dos aforos divinos. E que o mesmo Senhor deixe que as regule o Padre Américo.

# OBRA DA RUA

## BODAS DE PRATA

Em primeiro lugar desejo apresentar as minhas felicitações pelos 25 anos de existência dessa grande Obra perene de actividade em prol de todos aqueles que, neste mundo cheio de atribuições, necessitam de amparo e carinho para levarem a sua cruz ao termo da caminhada.

Que os aniversários se sucedam pelo tempo fora, sempre com o mesmo halo luminoso, da graça de Deus e da Fé, a envolver todos aqueles que trabalham, vivem e sofrem pela grandeza de todas as realizações a que se devotaram por amor de Deus e dos homens, são os votos ardentes deste modesto contribuinte que se subscreve humildemente.

Junto envio um vale de correio para satisfazer a minha assinatura do «Famoso». A minha galinhinha que sobra é para alguma necessidade mais urgente. Desculpai a insignificância! É nadinha, comparado com a minha vontade de dar.

Agora quero dizer-vos que amanhã dia sete, espiritualmente, estarei todo o dia convosco. Oferecerei ao Pai do Céu todo o meu dia: Orações, Santa Missa, Sagrada Comunhão e tudo que possa ter algum mérito, pelo progresso espiritual da grandiosa obra de Pai Américo. É na verdade um dia de Louvor e Acção de Graças endereçadas ao Senhor dos Senhores, pelas maravilhas que Se digna praticar através dos Seus Ministros. Aceitai, pois, as minhas cor-

dias felicitações pela celebração das Bodas de Prata da Obra que todo o mundo admira.

Nesta hora em que a Obra da Rua acaba de festejar as Bodas de Prata, eu, que por bondade de Deus, sinto fazer parte da grande «Família de fora» venho testemunhar a minha gratidão pelo bem, de ordem espiritual, que tenho recebido ao longo duns 14 anos que a conheço, mas, muito especialmente, desde a partida de Pai Américo para o Céu.

Embora não me tivesse sido possível estar, fisicamente, presente em Miranda do Corvo ou Paço de Sousa, em espírito estive convosco e fui agradecendo ao Senhor, espe-

cialmente de 3 a 7 deste mês, todo o bem que tem realizado através de Pai Américo e de todos os que a servem presentemente.

Unida acção de graças Bodas de Prata Obra da Rua, venho pedir favor enviarem jornal começando assinatura corrente mês.

Parece-me ocasião cada assinante arranjar outro assinante, bom agrado querido Pai Américo, além apostolado possa fazer-se oferecendo outros leituras Famoso.

Logo que recolha assinaturas assinantes mandarei vale regularizar contas.

Sem mais com a promessa de orações a agradecer graças e a pedir bençãos...

## INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

Saudoso «Gaiato».

Venho, em nome também dos meus colegas, agradecer o ótimo jornal que nos mandam. Somos religiosos missionários da Consolata, que estudamos aqui (Turim) Teologia. Antigamente o jornal era recebido aqui por um grande amigo da Obra um rapaz que viveu sempre à sombra da Casa do Gaiato e soube absorver o seu alto espírito. Peço que agora continuem a mandar o jornal para o mesmo nome, que cá o recebemos com tanto gosto, mesmo que sendo também nós missionários não tenhamos tantas possibilidades para pagar a assinatura.

É um jornal que sempre nos faz bem, porque vai à raiz do mal, sobretudo no jornal de Portugal precisa tanto.

Quanto a mim, que fui apenas há um mês ordenado Sacerdote, digo que encontro no jornal de todos os meses pão para bastantes meditações. Meditar nos

pobres, no amor aos pobres, faz-nos pensar em tantas coisas e convida-nos a sermos sempre mais pobres de espírito e despegar-nos das coisas terrenas.

Possa a vossa e nossa Obra fazer imenso bem em Portugal, faça abrir os olhos a tanta gente e sobretudo àqueles que da situação social e assistencial se deveriam ocupar.

Mas a realidade é outra. Há muitos que querem resolver a questão social com princípios de ideias contrárias ou ao menos alheias ao Evangelho. Enganam-se, porque o que Cristo disse é a única solução para fazer bem à Humanidade.

Possa o espírito do bom P.e Américo, de quem com tanto amor li as obras doutrinárias, espalhar-se por todo o Portugal, sobrehar nas inteligências do nosso Clero, para que sejam muitos os que se interessam pela «Obra da Rua».

Obrigados pelo bem que nos fazem.

## GINÁSIO DO LICEU

EM

VISEU

20 de Março

ÀS 21,30

21 de Março

ÀS 15 H.



# do Serafim e Maria José

Por isso, desde então e sempre, o homem, na busca da quietação que só encontra nas respostas autênticas aos seus anseios, «deixará seu pai e sua mãe e reunir-se-á à sua mulher e farão os dois uma só carne».

Já não é apenas a identidade específica da natureza a fundamentar o amor. Agora há um passo no sentido da unicidade, que estreita ainda mais os laços do amor e torna mais distante o sentimento da solidão. É um passo em frente no sentido de Deus, no Qual as Três Pessoas participam de uma natureza não apenas idêntica, mas única! Não admira, pois, que sendo Ele o Autor deste anseio que, «desde o princípio» mora no coração do homem e o estimula a caminhar para Si, seja também o Autor da sua válida e santificante resposta. Daí que o Evangelho advirta: «Não separe o homem o que Deus uniu».

— x —

O homem surgiu no mundo em sociedade e esta é condição da sua felicidade. E não apenas numa perspectiva utilitária, de facilitação da vida; mas num bem mais profundo e primitivo sentido de possibilidade da sua realização na linha do que o homem é, do que deve ser em progresso incessante: amor — tal como Deus, que é o Amor.

Ora o amor é o supremo bem. E todo o bem é difusivo. Portanto, a expansão do amor seria em pura perda sem vasos semelhantes que pudessem conter o que transvasa de um coração em progresso.

Assim como Deus Se ama necessariamente e nEle o Amor é circulação viva entre as Três Pessoas divinas — assim os homens se realizam o que devem ser, introduzindo-se na circulação vital do amor que, percorrendo-os, afeiçoa em cada um os traços divinos que lhes competem como imagem de Deus que cada um é.

E assim como o transbordar do Amor entre as Três Pessoas divinas foi a Criação — assim o amor dos homens subirá a Deus quando eles tiverem consumado a medida do amor entre si.

A sociedade conjugal (que, multiplicada nos filhos, gera a grande Sociedade) é a primeira, não só na ordem do tempo, como ainda na intensidade de semelhança à Sociedade das Três Pessoas divinas — justamente porque se funda não apenas na participação de uma natureza especificamente a mesma, mas porque nela a natureza participada se torna, numericamente, única.

Que evidente resulta, agora, o poder santificante do «Grande Sacramento» que é o Matrimônio! Como todos os Sacramentos, ele é um valor instrumental, uma alavanca que ergue o homem e o aproxima de Deus. Em grande responsabilidade é investido o homem por o ter tomado, deixando o estado de solteiro, em que permanecia realmente mais mergulhado na solidão que repugna à natureza humana, em razão do pensamento divino que criou à Sua imagem o homem-

Continuação da PRIMEIRA página

-sociedade, assim como Deus é Sociedade. E, porque mergulhado em mais solidão, mais preso para o amor, para o amor que se deve, como condição da sua própria e plena realização humana, em toda a extensão do círculo que o tem por centro e por diâmetro a dimensão da Humanidade inteira. O Matrimônio (e ainda mais o sacramento da Ordem ou uma Consagração Religiosa, em que o estado de solteiro permanece apenas como uma aparência aos olhos dos profanos, uma solidão meramente material) põe em tensão dois polos que eram quase só estáticos potenciais e estabelece uma corrente que irradia em ondas concêntricas que vão mais longe ou ficam mais por perto, consoante a medida de amar que cabe no coração de cada um, mas que, teoricamente, perturbam a extensão da Humanidade inteira.

Compreendemos por esta imagem o realismo da sabedoria divina ao impor-nos como suprema lei da nossa própria realização humana o amor do Próximo.

É que as ondas do amor emanadas do coração de cada homem, embora, teoricamente, se propaguem sem limite, atingem eficazmente o círculo que tem por diâmetro a medida da nossa capacidade de amar. Quem nele está é, concretamente, aquele Próximo por cujo amor eficaz Deus nos pedirá contas; aquele Próximo que, amando-o nós eficazmente, é condição de levarmos o nosso crescimento humano à plenitude da medida que Deus nos deu. Assim se fazem os santos!

Ora o Matrimônio (e ainda mais a Ordem ou uma Consagração Religiosa) — repito — estabelecendo sociedade de amor entre dois, não os fecha para fora de si mesmos. Antes (porque dois é mais do que um; porque dois podem o que um só talvez não) aquela corrente que se estabelece é fecunda e produz efeitos de amor de que o potencial estático de cada um não era capaz...

A irradiação do amor atinge agora mais longe. A unificação dos dois, realização mais intensa e mais perfeita do amor humano, faz rebrilhar em cada um novas fontes no terreno em que a comunidade específica de natureza fundamenta as relações do amor com todos os homens.

Isto é o que canta, ainda pela boca de Tobias, o Introito da Missa dos Esposos: «E agora, Senhor, fazei que estes Vos bendigam ainda mais».

Isto é o que o Sacramento produz. E quando não produz isto, ou produz contra isto — o Sacramento está sendo profanado e aquele

par, em vez de construir-se, pára, fica «capela imperfeita» para sempre, se é que, pior ainda, não deixa avançar em si a ruína.

— x —

De tudo isto que vos digo decorre uma afirmação sempre feita em todos os momentos em que, como pai e como padre, assisto ao casamento de um de vós: — Ai de vós, se o amor que agora vos prometeis, não der rebentos de amor uni-

versal, aberto para além de vós e até dos vossos filhos; irradiante, teoricamente, até aos confins da Humanidade; e eficazmente, até àqueles que estão no círculo de que sois o centro e tem por diâmetro a medida de amar que Deus vos deu!

O Sacramento que vos ides ministrar traz muitas novidades ao amor que até agora tem circulado entre vós. Ele é um desfazer de laços, de compromissos, de orientações. Atrás, fica um mundo; e outro começa. «Por isso, — diz o Evangelho — o homem deixará seu Pai e sua Mãe e unir-se-á a sua mulher».

Dois verbos exprimindo acções de sentido oposto, estabelecem a fronteira entre os dois mundos: Deixará... unir-se-á...

Não é cruel, nem vos desliga dos deveres de caridade perante quem pertence à linha ascendente da vossa geração. Estes são também o vosso Próximo, situados em um dos círculos concêntricos mais apertado a vós. Mas, a mocidade do vosso amor em relação a eles é que sofre radical mudança.

Os verbos insinuam decisão: Deixará... unir-se-á... Mas não se trata de decisão arbitrária, antes de uma exigência da natureza do

Continua na SÉTIMA página



O Serafim e a Maria José

## Notas de Reportagem

É sempre motivo de grande júbilo um acontecimento destes. A alegria em nossa Casa marca duma maneira muito especial qualquer acto digno de menção, seja ele um Casamento ou uma Missa Nova.

Assim foi no dia 23. Uniram-se para sempre, como marido e mulher e perante o Senhor da Vida, Serafim Emanuel e Maria José.

O enlace teve realização na nossa Capela, com a presença de todos nós e muitos amigos por parte da noiva, que é natural de Calegos, freguesia de Pai Américo.

Minutos antes da hora prevista, já o largo do cruzeiro estava coalhado pelos nossos mais «importantes», cada um com a vestimenta melhor e por muitos curiosos.

O businar de alguns carros que chegam avenida acima, chama-nos a atenção e, eis a noiva e seus familiares. A sineta faz-se ouvir, e todos nos encaminhamos para a Capela.

Com esta totalmente cheia e no meio do religioso silêncio, já com os rostos a alegria dos noivos ajoelhados aos pés do altar, compositão faz-se sentir.

Mais uma vez a sineta toca, avisando que a sopa está na mesa. Ninguém se fez rogado e o refeitório enche-se.

Cada qual ocupa o seu lugar e, com afinco, preparamo-nos para a «batalha» que se vai iniciar. Eis uma estrondosa salva de palmas. São os noivos, agora já esposos, que entram e ocupam a presidência.

Em nossa Casa e num acontecimento destes, a algazarra ecoa, mas nem assim os categorizados serventes se desnorteiam — e os petiscos são devorados calmamente. E chegámos à fruta, à doçaria, ao bolo de noiva e ao tão apreciado cigarrito.

A este nosso irmão e sua esposa, os mais ardentes votos de vida feliz, com Deus, e no cumprimento do Santo Sacramento do Matrimônio.

O acto de maior significado da nossa vida — o casamento — está

Manuel Pinto

## TEATRO JORDÃO

Guimarães

24 de Março

Às 21,30

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda nas bilheteiras do Teatro Jordão.



# TRIBUNA de Coimbra

Não veja, nesta tribuna uma prestação de contas. Tu, que colaboras connosco nesta obra de aproveitamento da vida dos irmãos, não exiges contas e acréditas e confias em quem, por livre vontade, aceitou esta paternidade dos filhos de ninguém.

Vais saborear, com uma alegria íntima e profunda, o teu óbulo nestes seis meses últimos e há-de encher-te e agradecer a Deus Seu dom de Amor.

100\$00 ao vendedor de Leiria; 200\$00 de Arminda em S. Pedro de Muel, para o Calvário; 100\$00 em Leiria por alma do marido; 20\$00, mais 60\$00, mais 7\$50, mais 100\$00, mais 145\$00, mais 100\$00, mais 27\$50, mais 17\$50, mais 5\$00, de visitantes.

50\$00 em carta; o mesmo à mão; 1500\$00 e mais 100\$00 no dia de Natal; 500\$00 nas Bodas de Prata; um grande caixote de mimos no mesmo dia; dez litros de azeite e muitas vezes fruta, de Miranda do Corvo.

50\$00, mais 50\$00 das Caldas da Rainha; 100\$00 de Bencanta; 200\$00 em cheque dos Leitões; um saco de castanhas de Braga; 8025\$00 em cheque do Alberto do Canadá; embrulho de roupas de Tomar; 500\$00 do Grémio dos Ind. de Arroz; 100\$00 da S. N. de Sabões; dez cobertores de advogado de Cantanhede; pedras de esmeril da Dragão de Paços de Ferreira; folha de serra de Ramada do Porto; todas as sementes de Alípio Dias & Irmão do Porto; 100\$00 da Fábrica de Arroz de Taveiro; vinte e tal frangos de Ceira. Foram para a merenda da festa dos nossos 25 anos. Que bem que eles souberam!

50\$00 em Tomar; 350\$00 e mais 20\$00 ao vendedor de Castelo Branco; 200\$00 da Farmácia Normal de Lisboa; 100\$00 em carta; 50\$00 em carta; 100\$00 de médico de Cantanhede; 40\$00 para o Cantinho dos Rapazes; 500\$ e roupas de Maceira Liz de Mãe que ama todos os filhos de Deus, especialmente os mais abandonados e 50\$00 duma Maria de Espinho.

Agora, vamos dar a palavra a Coimbra; 20\$00 em carta; 300\$00 da J. O. C. F., 3350\$ em vale de correio; 200\$00 da Rua do Corvo; vários instrumentos usados para o conjunto musical dos nossos rapazes; 50\$00 para um canceloso, 1000\$00 para os Pobres, Património e Belém; mercearia trazida por Senhoras amigas; 211\$40 deixados num estabelecimento; embrulhos; mais embrulhos; mais cartas, mais coisas muito variadas no Castelo, 50\$00 em frente de S.ta Cruz; 50\$ para o Calvário duma pobre criada de servir.

500\$00 trazidos por amigo já de idade que quis terminar o seu Curso Superior; 20\$00 em Santa Cruz; 20\$00 em carta; 1.000\$00 a recordar um trintário gregoriano por alma de Senhora muito amiga; 50\$00 de um casal novo de Professores; 25\$00 de mãe amargurada; 20\$00 em acção de graças a Pai Américo; 20\$00 no aniversário do marido; 50\$00 da enfermaria onde faleceu o nosso Atino; 20\$00 na rua; 100\$00 em carta de A. S.; 50\$00 de um irmão; 20\$00 de outro; 500\$ no Castelo; 600\$00 dum mealhinho levados ao Lar; 50\$00 em carta para os Pobres; 100\$00 num armazém; 50\$00 em frente do Montanha; 50\$ no Castelo; os mimos da Triunfo; 250\$00 da Auto-Industrial;

400\$00 de amiguinhas de sempre; sola e peles da F. de Curtumes; 50\$00, mais 50\$, mais 100\$00 no Lar; 100\$00 em vale de correio; 500\$00 à mão numa reunião de irmãos; 100\$00 à porta dum estabelecimento; 20\$ de quem parou o carro; 50\$00 à porta da igreja da Graça.

600\$00 do Salão Azul; 250\$ da Senhora que nunca nos esquece nas datas festivas; a visita e a mala de roupa de quem vem sempre há 17 anos; 100\$00 dum armazém de lanifícios; e peça de flanela dum armazém de fazendas; três peças de Loja da Praça Velha; um saco de figos de armazém; uma ceira deles de outro; 200\$00 de Senhora que nos ama como o marido amava; mais uma ceira de figos e 4 senhas de mercearia; 500\$, rebuçados e visita do amigo da primeira hora; 5000\$00 de mais uma prestação para uma casa; 850\$00 levados ao Lar para o Calvário; máquina de costura, relíquia de família, para a Casa de Trabalho das Criaditas do Bairro.

20\$00 dum funcionário dos C. T. T.; 1000\$00 levados ao Lar por um professor universitário francês; uma factura paga na Erripe; outra na Ires, 100\$00 da mãe dum sacerdote; 50\$00 doutro; 50\$00 dum convalescente pelos seus mortos; envelopes ao Sr. Prior de Santa Cruz; 200\$00 de um grupo de casais de N. Senhora; 2000\$00 que fui buscar em homenagem a pessoa de família; 250\$00 do Grémio da Panificação; 150\$00 e um embrulho na Atlântica; 500\$ levados ao Lar; 200\$00 de «uma pecadora»; 100\$00 no Castelo, do 1.º ordenado; 20\$00 na Sé Nova.

Louva connosco o Senhor que está sempre atento às necessidades dos seus.

P. S. — Peço a todos os gaiatos que vivem em Coimbra ou perto — e que passaram pela Casa de Miranda durante estes 25 anos — se apresentem à nossa festa no Teatro Avenida, de Coimbra, acompanhados de suas mulheres e filhos (se os tiverem).

Padre Horácio

## DIÁRIO DE UM SOLDADO

São seis horas da tarde. É domingo. Passei quase toda a tarde a trabalhar para o Capelão do Sector. Foi latim e mais latim.

Se Deus quiser, inauguraremos na terça-feira uma Capela no Aquartelamento. É uma grande coisa!, porque assim a malta de serviço aos domingos pode ir à Missa à vontade.

Também me ocupei de mim e recordei quanto recebi enquanto pensava realizar-me sozinho, frente aos problemas que a vida traz.

Eu sou um grito constante, porque me fizeram acreditar em mim — e, por conseguinte, em Deus. Que seria eu, se hoje pensasse como dois anos atrás?... Sofreram comigo. Lutaram comigo. E, acima de tudo, tiveram sempre fé em que eu renunciaria ao caminho por onde caminhava. Que mais quererá um rapaz do que a confiança de alguém, que resiste a todas as provas?

E no entanto, só mais tarde — e longe — reconhecemos o amor de que fomos alvo!

O amor de que fui alvo!... Deus sabe quanto a sua falta em pequeno me marcou para sempre! Mas Deus sabe, também, que eu despertei do sono a que esta falta me sujeitou — e agora tenho Fé.

Encontrei-me e encontrei Deus... Como sou feliz!

## Pelas Casas do Gaiato

### LAR DE GOIMBRA

#### FESTA NO AVENIDA

Desde há muito que procuram a data da mesma. Ela é sempre o nosso quebra cabeças. E se não fosse o interesse manifestado pelos Conimbricenses nós quase desanimávamos. Simplesmente por causa dos bilhetes. É sempre uma complicação — guardam os pedidos dos bilhetes para a última da hora e querem ficar tão bem servidos como os primeiros. Claro, não pode ser.

Este ano será no dia 25 de Março às 21.30. Prometemos 3 horas de convivência familiar. O programa é sempre uma surpresa para quem vai assistir. Mas, amigos, certamente que tem sido os outros anos. Apelamos que leve pelo menos mais uma pessoa que ainda não tenha ido. O Avenida é grande. Nesse dia será muito maior se necessário enquanto houver lugares nos corredores e arredores. Os bilhetes já estão à venda. É fácil a sua aquisição: simples telefonema para o 24648

e um de nós irá a casa de cada um. Ora todos sabem onde é a Casa do Castelo. Também aí os há, não demorem a esgotar a sala, para que assim em nós reine o entusiasmo que cada um irá buscar ao Avenida.

Quem não puder ir não compre bilhete. Não queremos ver lugares vagos nem nos interessa esgotar a sala dessa maneira. Não nos interessa a questão material. Importa-nos mais a presença, a amizade e o carinho que cada um irá buscar, e nos manifestará naquela reunião de amigos e para amigos. Esperamos que correspondam ao nosso apelo.

Recebemos — Solicitámos na última crónica um equipamento. Enviou-nolo a fábrica de Anihal Lima & Irmão de Coimbra. Manifestou-nos também grande carinho. Aqui fica o nosso agradecimento e esperamos que dentro do possível, ela e outras se vão lembrando de nós.

JOAQUIM

### HOMILIA DO CASAMENTO

## do Serafim e Maria José

Continuação da SEXTA página

novo estado. Por isso, deixará... unir-se-á...» E o significado deste por isso, é menos conclusivo que final, porquanto equivale a afirmar: Para que se realize o pensamento, de «Quem no princípio criou o homem: homem e mulher». É por isso, é para isso, para reconstituir na dualidade de pessoas a unidade original do homem, agora mais rica porque duas almas vivificam uma só carne, porque o amor se torna circulação entre dois, circulação que lhes alimenta com seiva nova, a vida e o crescimento da vida — é por isso, é para isso, que o homem deixará... e se unirá...

Ainda que a caridade para com os pais e quantos estão na linha ascendente permaneça

dever bem concreto, a vossa atitude é caminhar em frente, distanciando-vos, porventura, do mundo que deixais, para vos unirdes ao mundo a que vos ficais devendo mais intensamente, mais fecundamente, em razão da fecundidade adquirida por cada um no exercício da sociedade conjugal.

Para os pais, esta hora de alegria compra-se pelo preço amargo de serem deixados. (Um dia chegará a vossa hora de a experimentar também!) Mas se eles têm consciência clara da missão em que os filhos são agora investidos, cujo cumprimento começa em esperança de renovação, fazendo deles não um homem e uma mulher a mais no mundo, mas um par que vem acrescentar à grande Sociedade o dom que «desde o princípio» Deus quis fazer-lhe por eles — então a alegria predomina e as lágrimas possíveis são afirmação humilde de um «Senhor eu não sou digno da honra de me pedirdes tanto!»

Nós próprios ocupamos em relação a vós uma dupla posição; como pais ficamos atrás; como padres que orientam esta Família dirigida ao bem da grande Sociedade, Família na qual vos quereis realizar cumprindo a vossa missão — como padres, vamos adiante e vós tendes obrigação de nos seguir.

A felicidade que cada um de vós espera receber pela que dá ao outro é a fonte de onde todos nós esperamos beber aquele quinhão de felicidade que vos pertence dar-nos.

Vêdes, pois, como na vida autêntica, na vida segundo Deus, tudo é em sociedade?! Como é na fusão do meu e teu no nosso, que está a verdadeira riqueza que vale a pena ajuntar, a única que alegra, desde o princípio ao fim, o coração do homem?! Compreendeis melhor, porque estamos todos aqui, activos, interessados na vossa felicidade?! Pois se ela é também a nossa felicidade!...

Que o Senhor nos dê o gosto de partilhar! Que Ele dê frutos saborosos e abundantes, na terra seriamente preparada que lhe oferecereis para semear! E nos ajude, a vós e a todos nós, a construirmos em comum a crescente felicidade desta Família, da qual a grande Sociedade espera beber o largo quinhão de amor que nos pertence dar-lhe.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## TOJAL

● Muitas vezes somos preguiçosos; falta-nos vontade para executar qualquer trabalho, mesmo que essa falta de vontade se não justifique.

Pois sucede isso muitas vezes comigo. Quase não me lembro da Campanha dos selos e normalmente falta-me a vontade de escrever sobre ela. Mas, ao mesmo tempo, é muito difícil esquecer por completo uma campanha que mereceu e continua a merecer de todos vós, tanto carinho e compreensão. Antes pelo contrário, queremos e devemos ser os primeiros a acompanhar o seu andamento, e a dar-vos notícias daquilo que nos vem chegando.

Assim, e para que haja um pouco de ordem, começaremos pelo Norte e prolongaremos esse cortejo até Lisboa, fazendo escala por muitas e muitas localidades.

Guimarães inicia a grande lista, através de Neves de Castro; depois, surge Póvoa de Varzim, donde alguém se lembrou de nós; várias encomendas entregues em Paço de Sousa, nomeadamente por vizinhos lá do Norte; da Praia da Granja uma encomenda, «lembrança dum amiguinho»; uma assinante de Louçã; uma carta repleta do amigo certo das Caldas da Rainha. Eis-nos já perto da capital. Da U.C.A.L. dois grandes pacotes; uma carta de M.F.F.F.; de muitos amigos da Costa do Sol: Sra. D. Ondina da Parede; J. P. do Estoril; Major R. C. Fajardo, de Caxias. Agora já chegámos a Lisboa, sempre a justificar as condições de primazia: várias encomendas do Dispensário D. Amélia, Montepio Geral, Santa Casa da Misericórdia e Casa das Bandeiras. Mais e mais selos de amigos constantes; Maria Bela, Branca Polhães, Dra. Corina Couto, Fernanda Baptista, F. Lucena, e ainda dum antigo gaiato, o Chochas. Que prazer tão especial nos deu esta carta! É lógico. D. Noémia fez sentir de novo a sua presença, e de Angola, D. Ludovina nunca se esquece; a «Senhora das colecções», como lhe chamamos, tem sempre as colecções em dia: «Aqui vai mais uma colecção. Rezem uma oração por mim, está bem?» Eis uma demonstração viva de quanto quereis à campanha do selo. Pois nós nunca esquecemos também a oração, e todos os dias agradecemos a Deus a vossa generosidade, que não é mais do que um chamamento que ele vos fez. Continuem assiduamente, e Deus pagar-vos-á.

Luis Gonzaga

## Lar do Porto

● Serviu este Lar do Gaiato de porto franco para muitas encomendas cujo destino era Paço de Sousa. Ricas ofertas vossas que nos alegraram. Entretanto, algumas destinavam-se-nos, ou melhor ainda, à nossa Conferência Vicentina. Houve mais presenças monetárias e espirituais, que deram largas aos nossos ensejos, muito necessários nesta quadra festiva que decorreu.

● No dia de Natal fomos, como de costume, passar os festejos a Paço de Sousa. Estivemos reunidos na mesa grande da Família para consoarmos em fraterna camaradagem. No primeiro dia do ano, aqueles que não foram a casa dos familiares, estiveram novamente presentes na nossa Aldeia.

● O Fialho Caldeira, ou antes, o «Palico», estava estudando no 4.º ano de liceu. Contudo, esperando desde o início do estudo o que hoje está acontecendo, não deixou de aplicar-se devidamente, fazendo o que era possível, para se colocar parale-

lamente aos seus colegas de turma. Então hoje, depois de vários estudos médicos, foi internado num sanatório, tendo em vista a recomposição óssea do tronco, mais acentuadamente da coluna vertebral. Fazemos votos para que tão dedicados médicos alcancem um êxito e para que o «Palico» se veja normal e isento do complexo que o fazia triste.

● A Senhora D. Diamantina é diplomada (nós a consideramos) em ginjas e licores. Faltando recipientes para conter tão precioso líquido recorro-vos, pedindo que não esqueçais de remeter algumas garrafinhas. Elas nem tanto custam, mas como necessitamos de muitas o montante seria assustador e nem sei para que mundo correria esta pequena indústria da qual nós somos os consumidores. Se mandásseis umas rolhinhas, que jeito nos faziam!

● Da Conferência. Continuam em permanente elaboração processos mais eficazes para a conduta estrutural desta Conferência Vicentina. Cada um dos confrades tem a sua missão a cumprir. Registamos a entrada de mais dois Pobres, cuja assistência já iniciámos. A continuidade das vossas dádivas é indispensável e seria preciso que muitos de vós presenciassem a actividade que exercemos. Peço perdão por ainda hoje não acusar a recepção das dádivas vindas nesta altura, o que farei com certeza brevemente, pois espero ainda respostas. Com infinita gratidão.

ORLANDO

## Lar de Setúbal

Para começar meus caros leitores, vou-vos dizer qualquer coisa das nossas obras do Lar de Setúbal. As nossas obras já estão a funcionar. A obra já vai um pouco alta, quero dizer que já vai um pouco adiantada e que está um bom trabalho já feito.

Esse pequeno trabalho foi com grande ajuda de todos nós e aliás, com a ajuda, o carinho e a amizade que todos vós nos têm dado.

Muitas senhoras e cavalheiros, desconhecem a nossa Obra (construção do Lar) em Setúbal.

Por isso e afim de que tal não aconteça, eu peço a todas as pessoas que comprem sempre «O Gaiato», para receberem sempre notícias de nós. Eu sei, que há muitos que podem e gostam de ajudar, mas não sabem do que se trata.

Nós precisamos da ajuda de todos vós.

Muitos de vós, sabeis que o Lar está a ser feito pelos nossos rapazes, pois só temos o mestre e dois homens a trabalhar, na serventia, absolutamente mais nada! Portanto vêm que precisamos da ajuda de todos. Como eu vos tinha dito que a obra era toda feita pelos nossos rapazes, aproveito agora, para vos dizer quais são e quais os seus trabalhos. O grupo dos pedreiros é formado da seguinte maneira:

— O Picanço e o Bento, que já são um pouco «sabões» na coisa. O Carneiro, o Barba-Russa e eu, que apenas somos uns «sabonetes».

Mas, nós começamos muito depois deles, neste ofício. Não quero dizer com isso, que nós três não venhamos a ser também uns sabões. Só não o podemos vir a ser se não tivermos força de vontade própria. Assim os senhores, vêm como esta grande obra é feita: uns com muita vontade, outros com pouca; o que interessa é que ela vá a andar e com a ajuda de Deus, chegará ao fim.

Isaac

## Paço de Sousa

● Vindo de Moçambique, onde permaneceu cerca de 2 anos ao serviço da Pátria, chegou o nosso Zé Adolfo. A sua permanência na nossa comunidade é, para nós, muito querida, pois além de ser alegre e brincalhão, é mais um dos bons elementos com que a nossa Obra pode contar.

A sua chegada, não só valoriza a nossa Obra como também a nossa oficina de artes gráficas. Pois ele era, e é, um dos seus melhores artistas. Não esquecendo também o grupo de futebol...

● Como tínhamos previsto, a campanha da garrafa por nós lançada, obteve êxito completo. Para a próxima darei relação de tudo que a isto diga respeito. Entretanto, continuo a incitar os nossos queridos leitores, para que o primeiro arranque dê origem a muitos outros sem haver paragens. Para a frente amigos! E, pela vossa generosidade, amizade e compreensão, um muito obrigado do coração.

● Passos — novo cozinheiro — constantemente me diz «que dantes os cozinheiros eram muito falados. Agora que estou cá eu, nunca falam». «Põe lá no jornal que preciso de meia dúzia de facas para poder trabalhar em condições».

De facto, os cozinheiros dantes eram mais falados. Mas quem foram eles?! Um Zé Caracás que fazia o café com sal?!... Um «Fagulha» que, na sopa, metia esfregões de arame?!... Bem... desses forçosamente ter-se-ia de falar! Mos deste, presentemente, não temos queixa, razão porque é raro ser falado.

«Põe lá no jornal que eu preciso de meia dúzia de facas...»

FAUSTO TEIXEIRA

## Visado pela Comissão de Censura

# FESTAS

que a candura da sua pouca idade lhes dá!

Mas... eu estou para aqui a sonhar de alto, coisas que não me fica bem a mim dizê-las! Os senhores desculpem. E guardem esta confiança como expansão da felicidade de um pai que vê no aparecer dos filhos, o prémio mais saboroso do seu labor; a garantia mais autêntica da sua própria perenidade. Que gosto eu acho em S. João Baptista, no «é necessário que Ele cresça e eu diminua!» É desta espécie connosco: Os nossos, que tomam sobre si uma empresa válida e respondem por ela, são a nossa glória, são a nossa grandeza! Quem dera que todos entendessem assim!

— x —

Júlio veio ontem do Porto e anunciou-me, ao chegar, que «precisava, hoje, de um dia de 48 horas». Mas vinha espumante! Que na semana próxima volta dois dias completos! Que o movimento de bilheteira começava a notar-se. Que no Espelho da Moda

# Netos da Obra da Rua



Luis Caetano, filho do Luis de Miranda.



O filho do Brito «Pastelão», que foi de Paço de Sousa.



O Américo Carlos, filho do Carlitos de Paço de Sousa.

apresentar com um «Calvário» todo garrido, para lembrar que, embora ali seja lugar de sofrimento, é verdade, na mesma, que «santo triste é um triste santo»!

— x —

Preparem-se pois, os Senhores — e não percam tempo.

Olhem que eu escrevo a três semanas do começo da «peregrinação» festiva, mas vós ledes quase nas vésperas! Hoje, para vós, é sábado ou domingo... E já na 5.ª feira é o Coliseu e na 6.ª Aveiro... e por aí fora!

Tratem pois do bilhete, se ainda houver..., e preparem-se, preparem a alma para uma cheia de sã alegria, no experimentar do «como é bom juntarem-se os irmãos»!

Cont. da PRIMEIRA página

pediam aos senhores das marcações que não deixassem pró fim o levantá-las.

O Porto é assim: ferve que é um instante! E nas outras nossas cidades também assim é, graças a Deus!

Enquanto Júlio e João dirigem a grande azáfama em Paço de Sousa, Carlos Manuel e João Aurélio em Miranda, Cândido e Manel no Tojal e Ernesto mai-la Senhora Professora em Setúbal, agem da mesma sorte. E até Padre Baptista, este ano, se vai

# TEATRO AVEIRENSE

## A VEIRO

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda nas bilheteiras do Teatro Aveirense

19 de Março

Às 21,30

